

PALAVRAS DE HOMENAGEM

CARLOS ALBERTO MENEZES DIREITO

*Ministro do Superior Tribunal de Justiça e
Presidente da Comissão de Documentação*

É uma grande alegria comparecer a este evento de premiação com todos os senhores, tendo a presença do Diretor-Geral, Dr. Miguel Augusto Fonseca de Campos, que muito nos honra e muito colabora para o prestígio desta Biblioteca, parte integrante da Secretaria de Documentação.

Quando as colegas da Biblioteca levaram à Comissão de Documentação a idéia de instituir este concurso, fiquei extremamente feliz, porque tenho a sensação muito nítida de que a vida humana só tem beleza e grandeza se formos capazes de realizar atos permanentes de convergência entre o conhecimento e a natureza, porque do intercâmbio entre o conhecer e o que nos é dado pela natureza somos capazes de fazer as coisas com sabedoria. O existir humano seria extremamente pobre se não conseguíssemos transformar o saber em sabedoria.

Nunca alcançaremos a plenitude do saber se não tivermos intimidade com os livros. Nem mesmo a era digital conseguirá destruir a força da criação que nasce do espírito, transforma-se para o papel, que é por nós digerido como alimento do espírito, que nos permitirá, outra vez, emitir coisas mais bonitas.

Li as redações e lanço meu protesto contra o empate. Mas como Juiz sou obrigado a cumprir as regras do edital. Todas as redações são belíssimas, resgataram o ontem da antigüidade clássica greco-romana até a biblioteca ambulante das casas de saber, que perambulavam de ponto em ponto como se fossem uma fonte permanente a atrair aqueles que têm a mesma ânsia de buscar o conhecimento.

A poesia grande, eloqüente e bela nos versos bem compostos, capazes de nos dar, no interior de nós mesmos, a certeza de que esse que escreveu tem, na poesia, o ânimo do espírito e, no futuro, a certeza da melhor realização dos seus anseios.

Os homens vivem muito em função da felicidade. Hoje, alguns filósofos procuram reformar essa inteligência vinda de muitos e muitos anos. Constantemente nos perguntamos: como a felicidade poderia ser medida? Seria na satisfação? Na riqueza? Em que ponto seria possível aferir se uma pessoa é ou não feliz? Depois de muitas reflexões, de muitos pensares e de muitos amanheceres, creio que podemos estabelecer um ponto que me parece essencial para cada um de nós dizer para nós mesmos se somos ou não felizes: é quando temos capacidade de compatibilizar as nossas aspirações com a realidade; o que a realidade nos oferece há de ser compatível com as nossas aspirações. Se queremos mais do que a realidade nos dá, seremos credores da vida e eternamente infelizes; se a vida nos dá mais do que as nossas aspirações, seremos extremamente felizes e devedores eternos da vida. Esse é o drama humano, o drama da inteligência, porque só a inteligência é capaz de fazer essa compatibilização, e a inteligência só se enriquece no ambiente da biblioteca, dos livros e do conhecimento, da natureza.

Sei que tudo isso é esquecido. Chateaubriand, autor francês, escreveu um livro intitulado “Aventuras do Último Abencerrage”, que conta as aventuras de uma tribo nômade na região da velha Granada. Atualmente, se diz que o último abencerrage é o que defende energicamente uma idéia que parece perdida.

Neste mundo tão conturbado, tão cheio de problemas e em que olhamos para o nosso próximo com tanta desconfiança, quem sabe não devamos ser o último abencerrage, capaz de lutar para confiar no próximo, na natureza humana, viver com sabedoria, procurar a Justiça, na

trilha do que o filósofo moderno, Comte-Sponville, proclamou: “Felizes são aqueles que têm sede de justiça, porque jamais serão saciados”.

Nunca seremos saciados na busca da sabedoria e da Justiça.

Parabéns a todos.